MORENO BARROS ORG

O FUTURO DA BIBLIOTECONOMIA

BRIQUET DE LEMOS
LIVROS

Moreno Barros (organizador)

O futuro da biblioteconomia: cinco tons de inquietação

BRIQUET DE LEMOS
LIVROS

Sumário

Prefácio

Faz algum tempo que o blogue Bibliotecários sem Fronteiras tem publicado textos motivados pela nossa preocupação com o que nos aguarda no futuro. Nesta seleção, organizada por Moreno Barros, fica claro que os autores estão refletindo sobre o futuro que virou presente. Mesmo porque, como lembram Gustavo Henn e Dora Steimer, nosso futuro já chegou.

As inquietações que aqui se encontram, explícitas ou subentendidas, dizem respeito principalmente ao fator humano. Não se trata de fazer futurologia tecnológica *à la* H.G. Wells, Paul Otlet ou Vannevar Bush. E essas inquietações servem de estímulo para que os leitores dirijam o olhar para sua biblioteca e vejam como eles e sua instituição estão preparados para lidar com as mudanças trazidas pelo futuro.

O choque do futuro, para lembrar o título do livro que Alvin Toffler publicou em 1970, está presente em nosso cotidiano profissional. Toffler chamou a atenção para aquilo que denominou a 'chegada prematura do futuro' e do choque que isso nos pode causar. O futuro seria percebido na forma das mudanças que, quando ocorrem de forma rápida, causam nos indivíduos alterações bioquímicas e sérias indisposições psicológicas, como, segundo Toffler, desorientação e confusão que podem até chegar à violência ou apatia.

As mudanças no campo profissional, que tenho presenciado desde a década de 1950, têm ocorrido de forma cada vez mais acelerada. São mudanças atrás de mudanças. E a impressão que tenho é que o fator humano está sempre a reboque dessas mudanças. Por mais futurologia que se faça, parece que somos sempre pegados de surpresa. Primeiro, pelo novo aplicativo, pelo novo *gadget*, pelas novas velocidades de processamento, pelas imensas capacidades de memória das máquinas, pelas redes cada vez mais onipresentes. E pelos reflexos disso na infraestrutura das bibliotecas. Estávamos preparados, técnica e politicamente,

para lidar com o desafio das publicações eletrônicas? Por que o conceito de acesso aberto (*open access*) não surgiu tão logo se demonstrou a viabilidade da transição do papel para o digital?

E nossa capacidade cognitiva, nossos processos mentais, e até nossa coordenação motora (a velocidade cada vez maior com que se movimentam nossos polegares, ampliando nossa diferença com os primatas), nosso estranhamento crescente em relação à presença física do outro, diante da "interatividade" falsa proporcionada pelas redes, a virtualização da realidade, tudo isso e muito mais tornam mais premente a procura de novas formas de organização social, política e econômica. Sem esquecer a busca de novos modelos de organização da educação e de transmissão de conhecimentos. E de organização das bibliotecas e de como fazer biblioteconomia.

Na formação de recursos humanos temos o grave problema da natural defasagem entre o tempo acadêmico e o tempo real. Por tempo acadêmico entendo não só o tempo necessário a que se dê a transmissão do conhecimento entre professor e aluno, mas também o tempo ritualístico imposto por tradições pedagógicas e burocráticas. Às vezes, certos cursos deveriam romper com o cronologismo tradicional e serem ministrados de trás para a frente. Se o tempo não fosse suficiente, pelo menos a gente teria transmitido aos alunos informações que seriam mais pertinentes à vida profissional. Conheço professores de história que, quando se lembram de seu curso de graduação, trazem à baila o fato de que em história do Brasil não passaram do Segundo Império e, no curso de história geral, não passaram da Revolução Francesa.

A biblioteconomia, nesse contexto, tende a ser cada vez mais uma profissão preocupada com os ajustes dos indivíduos a essas mudanças, mas sem perder, nesse mesmo quadro, sua responsabilidade de fazer com que essas mudanças assegurem uma relação profícua e duradoura com a cultura e as realizações do passado. Passado que começa ontem.

Antonio Agenor Briquet de Lemos
Brasília, abril de 2016

UTOPIAS

Capítulo 1

“O FUTURO É AGORA. PERAÍ... CHEGOU.” (Chico Science)

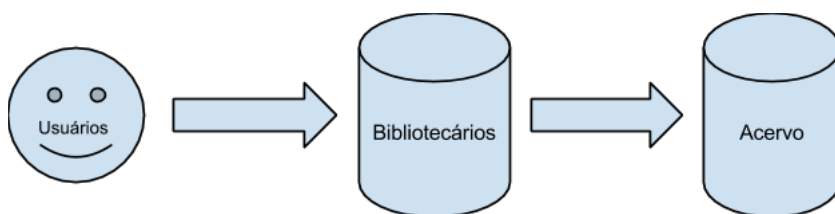
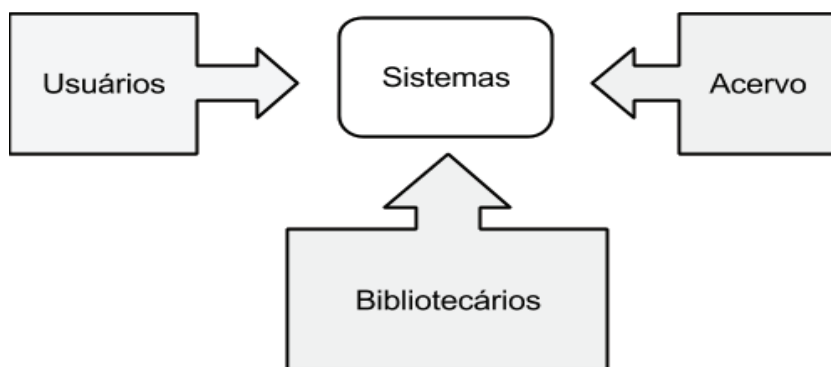
GUSTAVO HENN

Alguns bons anos atrás (2003?) numa visita à casa do professor Edson Nery da Fonseca, em Olinda, guiado pela professora Gilda Verri, escutei do professor emérito da Universidade de Brasília uma frase mais ou menos assim: os bibliotecários têm que deixar a catalogação e os tecnicismos para as máquinas e se preocupar com as pessoas. Ainda hoje fico refletindo sobre isso. Naquele momento, eu entendi que o professor queria mostrar o que era ser bibliotecário: ajudar as pessoas. Mas hoje começo a me perceber muito mais envolvido naquele pensamento.

Foi quando comecei a ver a série de vídeos do Murilo Gun sobre as habilidades para o futuro que aconteceu o vislumbre. Pois o cerne das habilidades para o futuro está exatamente naquilo que ronda minha mente desde aquele encontro: o ser humano, a pessoa humana, juntamente com tudo o que for humano.

O professor Edson Nery da Fonseca gostava muito de usar um trecho do Pessoa (Álvaro de Campos) para ilustrar a necessidade de um bibliotecário mais humanista: “Sou um técnico, mas só tenho técnica dentro da técnica. Fora disso, sou louco com todo direito de sê-lo.” Já desde muito tempo ele se mostrava defensor do cunho humanista da profissão de bibliotecário, presente até mesmo em nosso juramento. Nisso reside o que chamo de conflito bibliotecário, pois entendemos que o excesso de técnica nos

dá suporte para um atendimento mais humano dos nossos usuários. Afinal, Ortega y Gasset nos definiu como "um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e os homens". Mas este filtro foi feito por códigos de catalogação e vocabulários controlados, quando poderia ter sido feito por homens e mulheres.

O professor também era ferrenho defensor da biblioteconomia como formação de pós-graduação, pois assim, acreditava ele, o bibliotecário seria capaz de atender melhor aos pesquisadores, já que falariam a mesma língua. Preciso dizer que concordo com ele. Uma situação comum, especialmente em bibliotecas especializadas, é essa dificuldade de atendimento direto pois o bibliotecário não possui o conhecimento necessário para entender as questões dos usuários. Talvez por isso nossa profissão tenha se empenhado tanto em criar instrumentos que permitissem a comunicação entre os usuários e os sistemas de informação. Graficamente, podemos representar assim:

O bibliotecário como um filtro entre o acervo, que representa a biblioteca, e os usuários. Porém, se olharmos mais atentamente, vamos perceber que há um engano nesse pensamento do filtro. Pois, na verdade, os usuários das bibliotecas não são usuários dos bibliotecários. São usuários dos sistemas que os bibliotecários criam ou ajudaram a criar. A mediação é feita pelos sistemas que ajudamos a criar. A representação mais realista é:

Não há interação direta entre os atores 'usuários', 'bibliotecários' e 'acervo'. Há uma intermediação que é feita por sistemas desenvolvidos ao longo dos séculos por bibliotecários e programadores: classificação, catalogação, parâmetros de empréstimo, etc.

Aqui tentaremos tratar do futuro da profissão de bibliotecário (se houver). E isso passa pelas mudanças que estão ocorrendo neste momento, segunda década do novo milênio. Como diz a batida frase: não estamos vivendo apenas uma era de mudanças, estamos vivendo uma mudança de era.

Para complicar ainda mais, o passado não é nosso aliado nisso. Especialmente no mundo da informação, o passado pouco pode nos ajudar, pois a abundância de informação atual nunca existiu. É tudo ainda muito novo no mundo da superabundância informacional. Por isso precisamos urgentemente refletir e conhecer melhor tudo o que está acontecendo, se quisermos continuar respirando enquanto profissão.

Não estou falando aqui de utilizar os conhecimentos adquiridos em faculdades de biblioteconomia para atuar em outra profissão da informação (como arquitetura da informação, gestão da informação, inteligência competitiva, etc.), mas, sim, me preocupo com o bibliotecário que é apenas bibliotecário. Se parece não haver dúvidas de que as bibliotecas permanecerão, há muita dúvida quanto ao bibliotecário.

Tenho certeza que, se perguntarmos a qualquer pessoa se a biblioteconomia tem os dias contados, a resposta será sim. Óbvio. Os livros eletrônicos estão cada vez melhores que os de papel. O que remete à famosa frase atribuída a Henry Ford: "Se eu perguntasse a meus compradores o que eles queriam, teriam dito que era um cavalo mais rápido." Na verdade, foi isso que os leitores pediram e é o que estão recebendo, um livro mais rápido e melhor.

Enquanto profissão, temos tudo pronto: códigos, regras, normas, padrões, rotinas. É só jogar tudo numa máquina e era uma vez uma profissão. A primeira pesquisa mais séria que fiz, orientada pelo professor Guilherme Ataíde, foi justamente sobre chatbots, que são robôs de conversação que já naquela época (2006) eram utilizados por empresas de telemarketing. Desenvolvemos uma inteligência artificial para atuar no serviço de referência. A ideia era que o *chatbot* responderia aquelas típicas consultas do serviço de referência, conforme proposto por Grogan (1996). Existem várias pesquisas sérias nesse sentido, com aplicações práticas em bibliotecas e museus, e, se ainda não tiram o trabalho dos bibliotecários, evitam a contratação de mais alguém para responder perguntas simples que qualquer computador pode responder, como as questões de localização de fatos, questões administrativas, etc.

Isso tudo sempre me fascinou, mas agora é como se finalmente fosse uma realidade. Devemos começar a encontrar respostas para algumas perguntas: O que nos diferencia de uma máquina? O que diferencia o bibliotecário de uma máquina? Ou melhor, o que faz um bibliotecário que uma máquina não pode fazer melhor? Note que não se trata apenas de fazer o mesmo papel, mas fazer melhor. Da mesma forma que o Kindle está fazendo melhor que os livros impressos, as máquinas podem ser melhores bibliotecários? Vejamos três situações em que elas já fazem melhor.

1. Salvaguarda do conhecimento

Minha querida e já citada professora Gilda Verri gostava de dizer que graças àqueles bibliotecários ranzinzas é que tantas obras so-

breviveram através de séculos de guerras, catástrofes, invasões e chegaram até os dias atuais. Não fossem aquelas correntes pesadas prendendo os livros, teríamos perdido várias obras. Somos naturalmente os guardiões do conhecimento (por isso aquele filme *The librarian* foi traduzido como *O guardião*) e esta é talvez a nossa missão mais nobre, pois, fazendo alusão ao o que diz Ortega y Gasset, é o que garante que cada ser humano nasça em seu tempo. Porém, as máquinas estão fazendo isso melhor. No mundo digital, é possível criar inúmeras cópias em vários formatos, espalhá-las pelo mundo, de modo a garantir uma sobrevivência ainda mais duradoura sem precisar levar carão de bibliotecários.

2. Processamento técnico

Se nossa primeira missão foi guardar o conhecimento, a segunda foi facilitar a organização desse conhecimento que não parava de crescer desde a época de Calímaco. Por isso desenvolvemos listas, catálogos, classificação, indexação e seus respectivos padrões, códigos, regras, que, em 1972, Edson Nery da Fonseca já chamava de "mundo caduco". A ideia era reconhecer essa estrutura em qualquer parte do mundo, no que fomos bem sucedidos. Mas agora não somos mais fundamentais para isso, pois o Google cataloga, classifica, indexa, busca e encontra qualquer coisa melhor que nós. O Google praticamente anula a nossa atuação em preparar a informação para o usuário. O que nos resta quanto a isso? Aquela frase de que encontramos a resposta certa não serve, já que quem dá a solução para o seu problema é o usuário e não a gente. Só que apenas o usuário pode garantir que damos realmente a resposta certa — que nós procuramos no Google.

Lembro que nas aulas de fontes de informação aprendíamos a usar enciclopédias, dicionários, atlas. Eu já os conhecia bem, pois tinha em minha casa, mas vários colegas sentiam alguma dificuldade, aquilo ali era novidade. Hoje todos usam o Google, enquanto mexer na enciclopédia ainda é um mistério.

3. Desenvolvimento de coleções

Antes de escrever o post que originou este texto, ajudei minha

esposa, Geysa Flávia, também bibliotecária e professora da Universidade Federal da Paraíba, em discussões para uma mesa-redonda de que iria participar. A mesa era sobre desenvolvimento de coleções e foi nessas discussões que vislumbrei que o desenvolvimento de coleções não faz mais sentido.

Ortega y Gasset e seu filtro foram a base para o desenvolvimento de coleções. As limitações financeiras e de espaço obrigaram as bibliotecas a aplicar políticas de desenvolvimento de coleções, pois não era possível ter tudo nem mesmo ter muito. Era preciso racionalizar aquilo que entrava e saía da biblioteca. Mas hoje não precisamos mais, podemos, sim, ter tudo. Ou melhor, ter acesso a tudo. Netflix e Kindle Unlimited são exemplos disso. Porém, na verdade, portais como o Portal de Periódicos da Capes já mostram isso há tempos. Não é preciso ter as revistas nas estantes, mas pagar a assinatura desse portal e acessar o artigo que deseja. Algumas bibliotecas já fazem isso, pagam para ter acesso a uma base de livros. Existe o pagamento por demanda, em que cada vez que o livro é consultado, a biblioteca deve um valor x aos detentores de seus direitos. E isso vai se ampliar e se tornar comum.

Não há necessidade de filtro, nem temos capacidade de atuarmos assim. Nosso futuro está em orientar o usuário no caminho do conhecimento. Somos mais parecidos com o bibliotecário Crispim de *O general na biblioteca*, do Italo Calvino do que com o filtro de Ortega y Gasset.

O paper de Oxford (2013), uma ampla pesquisa sobre o futuro das profissões (citada pelo futurólogo Murilo Gun), envolveu 702 profissões, dá alguns indícios sobre como estamos. Estamos no meio da tabela, na 360ª posição. Para ajudar a complicar, estamos entre os especialistas em suporte de computador, atividade que tende a acabar na medida em que as pessoas e a assistência remota (que usa inteligência artificial) se tornam melhores, e os instaladores de equipamentos eletrônicos (que só são necessários por preguiça de fazer você mesmo ou ajudar outras pessoas). Mas não para por aí. Os assistentes de biblioteca estão em 616º lugar, enquanto os técnicos de biblioteca (que imagino sejam os catalogadores e classificadores) estão em 692º. E a penúltima profissão

é justamente uma das atividades dos bibliotecários: examinadores de títulos, resumidores e buscadores. Já nossos co-irmãos arquivistas estão ainda abaixo da gente, em 415º. Afinal, é uma atividade menos humana que a biblioteconomia.

Estamos mais perto da extinção do que da sobrevivência. De forma fria e racional, podemos dizer que as atividades que puderem ser substituídas por máquinas serão. E quais são essas atividades? Todas aquelas que essencialmente dependem de inteligência lógica, matemática, espacial, linguística. Pois são atividades que podem ser padronizadas. Os computadores já avançaram bastante nessas inteligências e são melhores do que nós. É engraçado, pois na biblioteconomia/ciência da informação/documentação nós desenvolvemos isso desde há muito, talvez sejamos a primeira profissão a utilizar inteligência artificial (o que é uma lista de assuntos senão uma inteligência artificial rudimentar?), fomos uma das primeiras profissões a ter padrões bem estabelecidos (*insight* das aulas do professor Marcos Galindo). De certa forma, cavamos nossa própria cova. Toda vez que alguém cria uma ontologia morrem algumas vagas de bibliotecário.

Olhando a grade curricular de qualquer curso de biblioteconomia vemos ainda disciplinas que as máquinas fazem melhor do que nós. Estamos estudando para concorrer numa disputa já perdida. Não apenas não estamos nos preparando para o presente como não estamos nos preparando para o futuro. Deveríamos estudar mais psicologia do que linguagens documentárias. Nossa relação com as pessoas é mais importante que a nossa relação com os sistemas. A abordagem alternativa dos estudos de usuários é um reflexo disso.

Dentro disso tudo, vejo a biblioteconomia num momento crucial. A biblioteca, outrora "hospital das almas", passou a ser estoque de informação. Porém o presente mostra que precisamos mesmo é de um hospital das almas. Dentro da biblioteca, como já abordei em outro post, algumas seções/departamentos/funções vão sumir do mapa. O setor de desenvolvimento de coleções é um deles (no máximo ficará a aquisição para negociar valores). Mas seleção, descarte, desbaste, etc., não serão necessários. Os fun-

cionários do setor de circulação para atender, emprestar livros, repor livros nas estantes e fazer "shiiiii..." também estão com os dias contados. Acho que o "shiiiiii..." vai demorar um pouco mais, já que as bibliotecas permanecerão como espaço de convivência, pois são belos e espaçosos prédios, ainda mais quando estiverem com menos volumes. Apenas bibliotecas que guardem livros físicos terão necessidade de empregar pessoas que lidem com restauração e preservação. Mas estes também perderão seus empregos na maioria das bibliotecas. Catalogadores, indexadores, resumidores e normalizadores: é o fim da linha. Acabou.

Os bibliotecários de referência, os *servi servorum scientiae*, esses ainda possuem um importante papel compondo equipes de pesquisa, cada vez mais necessários diante da torrente de informação. Os que souberem trabalhar as competências informacionais também serão benquistos. Biblioterapia, então, poderá crescer bastante já que os bibliotecários poderão se preocupar mais em receitar livros. Falando em biblioterapia, sabe qual a profissão que corre menos risco de extinção segundo Oxford?

1st. 0.0028 29-1125 Recreational therapists

As profissões que irão sobreviver no futuro serão aquelas baseadas em criatividade e inteligência social. Se pensarmos em atividades exercidas por bibliotecários, aquelas que sobreviverão são as que exigirem maior criatividade e inteligência. A primeira profissão da já citada pesquisa, que corre menor risco, é a de terapeutas recreacionais (que imagino seja a nossa terapia ocupacional). Psicologia é mais importante do que indexação. Saber interagir com outras pessoas é mais importante do que interagir com livros e sistemas.

Propositadamente citei professores ao longo do texto. Para mostrar que, sim, a universidade está atenta ao que ocorre no mundo da informação e atualizada com os debates da profissão. Porém ainda não é o suficiente para romper de vez com a tradição. Talvez seja por isso que estamos ali no meio das profissões. Parte da biblioteconomia tem tudo para morrer e a outra parte tem tudo para crescer. Pois nossa profissão se desenvolveu assim, com um

olho nos livros e outro nos leitores. Nossa parte é encontrar a parte que nos cabe.

Claro que tudo é uma visão de futuro particular. Não está certa nem errada. Mas já está em curso.

Capítulo 2

O FUTURO DA BIBLIOTECONOMIA É HOJE

DORA STEIMER

Today is the greatest
Day I've never known
Can't wait for tomorrow
I might not have that long
I'll tear my heart out
Before I get out[1]

Smashing Pumpkins, *Today*

Para começo de conversa, não sou futuróloga e nem exerço futurologia. Não entendo isso como um demérito: simplesmente aceito que isso não faz parte da minha personalidade. Deixo esse assunto para quem sabe. Escrever sobre o futuro, para quem não é visionário, é um desafio e tanto, eu diria. E os visionários são chamados assim (bem como também são chamados de hereges ou loucos) justamente por ousarem enxergar o que ninguém enxerga ainda. Não é o meu caso. Também não sou muito imaginativa, mas posso tentar adivinhar o que vai acontecer, sempre com um pouco mais de cautela do que meus colegas. Pode-se dizer que sou uma versão mais otimista dos apocalípticos, do *Apocalípticos e integrados* do Umberto Eco. Se for para me identificar com algo neste sentido, prefiro me identificar com o que é Zen e em estar sempre no presente, fazendo o meu melhor, com o que eu tenho, agora mesmo, onde eu estiver. Acreditem se quiserem: onde eu cresci não existiam bibliotecas. Nunca existiram. Meus pais não liam em casa, eles não tinham tempo e sem-

[1] Hoje é o melhor / Dia que já vivi / Não posso viver para o amanhã / O amanhã está muito distante / Meus olhos se queimarão / Antes que o dia chegue.

pre trabalharam a vida toda. Não tive uma infância pobre nem difícil, muito pelo contrário: estudei na melhor escola particular do Mato Grosso do Sul e mesmo essa sendo a melhor escola do estado ela não tinha biblioteca. Inacreditável, não? Mas é a verdade.

Só fui saber e entender um pouco melhor o conceito do que era uma biblioteca em 2003, quando passei na faculdade de jornalismo e, com isso, me senti profundamente enganada por todos: por todos os meus professores, pela minha escola, pelos meus pais e parentes. Quer dizer que existia aquele mundo inteiro que eu podia ter de graça e ninguém nunca me mostrou? Foi extremamente frustrante e desanimador e foi bastante fácil eu me tornar uma adolescente rebelde com causa. E, sim, meu maior ato de rebeldia foi insistir em continuar estudando. Depois que entrei na faculdade de jornalismo, de 2003 a 2006 resolvi conhecer todas as bibliotecas universitárias e públicas de Campo Grande. Foi aí que decidi fazer biblioteconomia, pois senti que queria fazer parte daquilo e acreditava mesmo que muita coisa ali podia mudar e melhorar. Eu via possibilidades naqueles espaços. Acredito que eu ainda tenha (tive, terei) uma visão muito romantizada da profissão e, novamente, não vejo isso como um demérito. Para mim, pessoalmente, é complicado falar em futurologia e em um futuro pós-biblioteca tendo a consciência de que existem pessoas que, como eu, durante boa parte de sua vida sequer entendiam o conceito de biblioteca. Entendo isso — talvez erroneamente — como um contrassenso.

O entendimento sobre o que é uma biblioteca só é forte no eixo Rio–São Paulo e talvez um pouco mais no sul do país. No Centro-Oeste, Norte e um pouco do Nordeste, não me parece ser assim. Digo isso pelos dados que coletei em pesquisa sobre organização institucional de portais de periódicos científicos online em 2009, onde as bases de periódicos mais bem estruturadas estavam no Sudeste e no Sul. Para mim pode ser um indicativo de algumas realidades que muitas vezes desconhecemos.

Fiz o curso de biblioteconomia de 2008 a 2011 e estaria mentindo se dissesse que não gostei ou que o curso não foi aproveitá-

vel em absoluto. Querendo ou não, o curso e o bacharelado me trouxeram um tipo tolo de autoridade que não teria caso não fosse bibliotecária e atuasse na área, por exemplo. Pessoalmente considero isso ruim, pois conheço muitos outros profissionais da informação que não são formados na área e são — senão melhores — tão bem preparados quanto qualquer bibliotecário que eventualmente caiu de paraquedas no curso. Mas fiz questão de fazer o curso porque jamais consegui me identificar como jornalista. Ser bibliotecária e pesquisadora, para mim, sempre foi uma questão de identidade.

Que o intelectualismo não está mais atrelado à profissão de bibliotecário não é de hoje, apesar de muita gente dizer que entra no curso porque "gosta de ler". Com o tempo isso acaba gerando certa frustração quando a pessoa se depara com um curso extremamente tecnicista. No meu caso essa frustração não chegou a acontecer. Sempre gostei de ler, mas meus objetivos com o curso eram bastante claros: aprender as técnicas (para entender como elas possivelmente estavam sendo ou seriam subvertidas) e ser bibliotecária, para que bibliotecários, e outras pessoas, me ouvissem e também soubessem que bibliotecas existem e podem ser espaços de preservação e transformação.

Muita gente enxerga o curso e o ofício da biblioteconomia mais como uma oportunidade de carreira mesmo, e trata o que vai exercer como profissão com uma impessoalidade impressionante. Acho curioso, pois, querendo ou não, nosso trabalho pode moldar nossa identidade e parte de quem somos, da nossa personalidade, e isso é vital para o bem-estar e o desenvolvimento de uma pessoa plena. Mas cada pessoa tem seus desígnios e desejos.

Lembro que no início do curso me foi passado um artigo do professor Francisco Chagas (1998), com uma pesquisa que acredito que precisaria ser refeita e reavaliada em todos os cursos de biblioteconomia no Brasil. Trata dos centros acadêmicos, mas também revela, especificamente no âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), as razões para escolha do curso. Acredito que a partir das respostas sobre as motivações também seja possível um vislumbre de futuro. Afinal, quais seriam os

motivos hoje que ainda levam alguém a acreditar na capacidade transformadora de bibliotecas? Ou, ainda, acreditam que, com as habilidades aprendidas no curso de biblioteconomia, seja possível atuar em áreas relacionadas?

Formei-me pela UFSC em 2011 e, sinceramente, em vários momentos do curso, eu me sentia como um carro que precisava mudar de marcha e essa mudança nunca acontecia. Senti falta de vínculo do curso com projetos que se aproximassem mais da realidade. A universidade, sendo federal, tinha uma infraestrutura razoável, mas as disciplinas foram mal aproveitadas possivelmente por dificuldades em azeitar parcerias com outras instâncias da universidade, limitando-se sempre às mais burocráticas possíveis (arquivo da UFSC e estágios na Biblioteca Central).

As mesmas críticas que ouço de colegas bibliotecários há pouco mais de oito anos, sejam em relação ao ensino, ao mercado de trabalho ou à postura profissional (ou falta dela), são necessárias, simplesmente porque são todas verdades. Após ter entrado no curso, apenas constatei isso. Acho importante entendermos também que embora existam dificuldades, isso também não se limita ao nosso curso, mas alcança e está em todo o sistema formal de ensino–aprendizagem que praticamente nos condena a isso. São vários os 'vetores invisíveis' que nos pressionam a agir não da forma que queremos, mas da forma que nos fazem acreditar que precisamos ou que nos fazem conformar.

Realmente, não tive nenhum professor instigante no curso de biblioteconomia. Tive professores muito bons e outros nem tanto, tive disciplinas que poderiam ter sido abordadas de forma melhor e mais aprofundada, mas que não me desanimaram. Nem esperava por nada disso na verdade, pois entrei no curso com uma baixa expectativa. E depois acabei ficando muito preocupada tentando descobrir o que eu gostava de verdade dentro da área para, a partir disso, entender quais seriam os possíveis caminhos profissionais que eu poderia traçar. Passei na seleção de mestrado em ciência da informação na UFSC em 2012, mas decidi tentar o mercado de trabalho em São Paulo. Hoje sou especialista

em gestão da informação digital na Fundação Escola de Sociologia e Política (FESP) de São Paulo.

Até o presente momento, já trabalhei em biblioteca física com catálogo digital, em um arquivo empresarial e hoje trabalho com curadoria de metadados e taxonomia em ambiente digital, em uma empresa de tecnologia. O que aprendi durante a graduação, referente a normas e principalmente linguagens documentárias e que utilizo hoje na prática, é que os processos de catalogação, classificação e indexação se transformaram bastante (ver *Ontologia são superestimadas*, de Clay Shirky), e ultimamente são desenvolvidos de modo a serem facilmente escaláveis e dependentes de contexto e significado (que muitas vezes é social e mutável ao longo do tempo).

Utilizo quase tudo o que aprendi só que de forma indireta. Pelo que tenho vivenciado profissionalmente, bibliotecários — se bem formados e que tenham um interesse real na profissão — possuem o *mindset* necessário para conversar de igual para igual com outros profissionais de tecnologia, oferecendo *insights* que geralmente não são o foco de quem é de tecnologia da informação (TI). É uma questão de perfil profissional: programadores entendem ontologias e a própria organização de dados e de informação de forma completamente distinta de bibliotecários, desconsiderando uma série de fatores de busca e pesquisa por parte dos usuários. *User experience*, ou a experiência do usuário, área relacionada com a qual interajo atualmente, também é parte disso.

Programadores são de exatas: se preocupam com o *input* e raramente se preocupam com o *output*, com a outra ponta humana que busca a informação. Eles estão mais preocupados com definições de regras e de se aterem mais a elas do que nós, inclusive. A definição de regras para um algoritmo jamais é imparcial e é enviesada pela visão de mundo de quem o cria. Se essa é uma visão exclusiva de TI, ela se torna quadrada e tendenciosa, desconsiderando outros aspectos importantes na busca e no que chamam de encontrabilidade da informação. Ou seja, o que eu poderia chamar de 'áreas-meio' são necessárias para a viabilidade de um produto final. Posso até estar bem enganada, mas a tecnologia não vai ser um fim em si mesma tão cedo.

Bibliotecários e outros profissionais (que entendem de *search engine optimization* e também de linguística) podem fazer a ponte com programadores entre algo que é estático e exato e torná-lo mais acessível, explorando outras possibilidades. No meu trabalho observo isso diariamente quando eu e minha equipe desenvolvemos pesquisas justamente para planejar, refinar e melhorar o que seria uma ontologia (ou taxonomia, enfim), tendo em vista principalmente a otimização do negócio. Ainda mais se considerarmos o meio digital. A Apple contratou curadores humanos para substituir o aplicativo de recomendações? Por que uma empresa de tecnologia de ponta faria isso? Meu chute é porque, apesar de toda a tecnologia e seu avanço, humanos ainda são relevantes para humanos.

Pode não ser o trabalho tradicional de bibliotecário como o conhecemos (como já escrevi no Bibliotecários Sem Fronteiras o post Bibliotecários Lato e Strictu Sensu), mas posso dizer com toda a certeza que se eu não tivesse um verdadeiro interesse em compreender de fato as teorias sobre organização da informação, acredito que não teria insumos suficientes para entender, contextualizar e criar paralelos entre o ontem e o hoje, em relação ao que faço. Jornalismo por si só não me ensinaria o que biblioteconomia me ensinou. E para aprender um pouco mais sobre tecnologia hoje, foi necessária uma boa dose de autodidatismo e curiosidade, independente de qualquer curso de graduação em qualquer área.

Algumas questões volta e meia assolam os colegas de profissão e eu ouço sobre elas desde antes da graduação. Entre elas estão: "o papel e os livros vão acabar", "o bibliotecário e as bibliotecas não fazem mais sentido no mundo atual", "tudo referente a processamento técnico já pode deixar de ser ensinado". O que mais vejo em meio a estas discussões ou é drama ou assombro e ninguém parece considerar essas questões de uma perspectiva mais sóbria e realista — e acho que às vezes vale a pena ter essa pretensão.

Levando em consideração meu ambiente (Brasil, São Paulo) e as coisas que vivenciei e que observo, acredito que o contexto principal hoje em dia é o de transição. Nada está totalizado e a

viabilização desse futuro hipertecnológico está em seu estágio inicial. Claro, existem exceções, mas elas ainda não são a regra. As bibliotecas digitais, pelo menos no Brasil, ainda não substituíram completamente as bibliotecas físicas, mas há um processo em percurso e o desenvolvimento desse processo se deverá às pessoas e principalmente ao desenvolvimento de uma cultura digital e principalmente de leitura. Sobre a pergunta "o livro impresso vai acabar de fato?", para mim, pessoalmente, não irá acabar enquanto existirem leitores deste tipo de material, simplesmente. A questão da afetividade com as bibliotecas e com os livros ainda existe e não pode ser ignorada. Caso contrário, por que livrarias ainda vivem cheias nos finais de semana?

Riggs, no *post Quem lê livros?*, de acordo com uma pesquisa que encontrou do Grupo Jenkins, questiona se houve uma mudança no entretenimento popular ou se apenas os livros estão menos interessantes do que costumavam ser antigamente, ou ainda, questiona se as pessoas estão de fato emburrecendo (o que não deixa de ser uma teoria). Talvez tudo isso esteja associado ao modelo de educação que ainda persiste até hoje, segundo *sir* Ken Robinson. Em um comentário que também li no *post Precisamos mesmo de bibliotecas?* um autor anônimo colocou o seguinte questionamento que achei interessante: "Vocês realmente acham que todo mundo vai conseguir comprar e-books? E se de repente todo mundo no mundo (alfabetizado ou não) tivesse um *e-book* e acesso ilimitado a *e-books* grátis, acham que isso seria o suficiente?". Neil Gaiman, além de lamentar o fechamento de várias bibliotecas, já falou que o que o preocupa não é o fim dos livros, mas o fim dos leitores. A desintermediação da informação já existe? Sim. Mas ela também faz parte de um contexto extremamente específico e está calcada em pré-requisitos dos quais se aborda muito pouco, propositalmente ou não.

O acesso à informação mudou, pois percebemos que a tecnologia o ampliou de maneiras até então inimagináveis e que a convergência das mídias já é um fato considerado cada vez mais natural (e desejado por todos). Mas e a qualidade da forma com que o conteúdo está sendo acessado? Autodidatismo, sendo bem realista, não me parece ser um privilégio de todos e literacia da

informação (o 'aprender a aprender') também não me parece que fará parte de um currículo escolar tão cedo no Brasil. Por isso desconfio que, sim, precisamos ainda de bibliotecas. Porque mesmo *e-books*, assim como livros impressos, são um meio e não a solução para todas as nossas necessidades de informação. Por mais que se defenda que, sim, as bibliotecas físicas ainda não acabaram e têm seu papel. E, assim como existem vários tipos de bibliotecários, existem também vários tipos de bibliotecas. E para cada biblioteca existe (ou ao menos deveria existir) um tipo de bibliotecário.

Existem bibliotecários que se preocupam apenas com os livros (ou quaisquer que sejam os materiais do acervo), que são tecnicistas ou ainda, operacionais. Outros que se preocupam apenas com o lucro, com resultados, com negócios que podem ser derivados a partir da boa gestão de uma biblioteca ou centro de conhecimento. E outros ainda que se preocupam um pouco mais com a tecnologia, em detrimento dos outros objetos de estudo. E eu quero muito acreditar que existem bibliotecários que se preocupam com as pessoas. É possível que existam bibliotecários que estejam preocupados, em nível de igualdade, com todos esses objetos do nosso fazer. Mas a tendência é que cada um trabalhe com algum desses aspectos específicos com mais profundidade. Enfim… Entre o preto e o branco existe todo um espectro muito amplo dos vários tons de cinza.

Antigamente, a biblioteconomia estava obrigatoriamente vinculada ao mundo físico, aos prédios, à organização da instituição biblioteca em si. Hoje, os processos de organização da informação no mundo *online* e digital trouxeram esse profissional para outros campos, podendo também atuar em projetos de arquitetura da informação, gestão de conteúdo em ambientes digitais e *e-learning*. Além destas, bibliotecários também estão envolvidos em outras práticas alternativas que estão intimamente relacionadas com pesquisa e informação, que são entendidas como matérias-primas básicas da biblioteconomia.

Em relação ao ensino, o que acontece, hoje, é o que o aluno de biblioteconomia, ao invés de poder aprender sobre tecnologia logo

durante a graduação, precisa ter um triplo esforço: aprender apenas a teoria na graduação, aprender sobre tecnologia apenas no mercado e literalmente se virar para fazer a ponte entre estes dois mundos. Isso é tanto um desafio, pois a pessoa inevitavelmente acaba aprendendo mais coisas e inclusive se desanimando com o curso no meio do caminho, quanto uma bela de uma gambiarra acadêmica, pois os cursos definitivamente já precisariam estar atualizados e ter melhor qualidade.

Alguns colegas defendem que tudo que é relativo a processamento técnico deve parar de ser ensinado no curso, pois a tecnologia já substituiu isso tudo. Outros defendem que o curso sequer deveria continuar existindo. Acredito que isso seja radical demais e incompatível com o momento de transição que vivemos. Quem é mais integrado às tecnologias defende isso, pois esse é o mundo deles, o mundo ao qual têm acesso irrestrito e o mundo que eles acreditam ser o melhor, para todos, indistintamente. É muito bonita a frase "o futuro chegou, só que ainda não foi distribuído" do William Gibson, mas não vejo como ela poderia estar mais distante da realidade, ainda mais em se tratando do contexto Brasil.

Também acredito que a tecnologia pode viabilizar — e melhorar, transformar de verdade — uma série de coisas como tem feito nos últimos anos (impossível ignorar isso). Mas mesmo fazendo uso das tecnologias e querendo aprender mais sobre elas, ainda tenho a cautela de acreditar que vivemos numa época de transição, em que aprendemos a conviver com esse hibridismo, entre o que é analógico e o que é digital. Não posso julgar se as tecnologias devem ser ignoradas ou endeusadas porque sinceramente acredito que não devemos viver de extremos. Mas tampouco posso ignorar o fato de que hoje temos uma miríade de escolhas, desde livros com aquele cheiro de que gostamos tanto, ou *tablets* e *e-books*, que me permitem formas diferenciadas de acesso ao mesmo material. Se a possibilidade existe, então por que não?

Existe organização da informação em vários tipos de plataformas. Se isso deixar de ser, vamos supor: se o processamento técnico na biblioteconomia deixar de ser efetivamente estudado e

ministrado, a área não corre o risco de descaracterizar-se e se tornar um curso genérico? Vai virar uma administração/gestão apenas? Vai virar *soft programming*? Vai virar o quê? Uma área interdisciplinar sem denominação definida? O que se tem para substituir, efetivamente, a biblioteconomia? Gestão da informação? Várias tentativas de acabar com a biblioteconomia, inclusive mudanças estéticas e superficiais de nome, têm sido realizadas ao longo dos anos e até agora não vi nada de efetivo acontecendo.

Catalogação, classificação e indexação não devem parar de ser ensinadas. Devem ser mais bem ensinadas, em contextos em que efetivamente estejam sendo utilizadas e façam sentido. Enquanto profissionais, acredito que devemos continuar estudando sobre qualquer assunto que nos interesse, mas sempre com um posicionamento crítico em relação ao que nos é ensinado e verificando como o que é aprendido pode ser agregado e melhorado em relação aos conhecimentos dos quais já temos domínio. Não acho bom vetar nenhum estudo (por mais inútil que ele pareça), mas sim direcioná-lo de forma a explorar possibilidades futuras. Aprendizagem também é isso.

Enfim. Alguém ousa imaginar o conceito de uma biblioteca feita apenas de pessoas e processos ao invés de apenas livros? Em um conceito de 'centro de cultura e informação' totalmente livres e independentes de mediação, organização e suportes físicos de informação? Para mim, isso já deixaria de ser biblioteca e se tornaria outra coisa, ainda mais fantástica. Meus colegas ousam e pensam nisso, diariamente. E discutem isso há anos. Acho admirável e espero que tudo o que tem sido previsto acabe acontecendo; só entendo que esse tipo de preocupação, hoje, não é meu papel. Imaginar é uma tarefa difícil e conciliar a imaginação com a viabilização, mais difícil ainda. E isso a gente deixa para os visionários. Enquanto isso continuarei observando o mundo e as minhas possibilidades de trabalho, questionando sempre e tentando me adaptar a todas as mudanças na medida do possível.

Capítulo 3

BIBLIOTECONOMIA EM TEMPOS DE ROBOTIZAÇÃO

MORENO BARROS

Eu gostaria de propor uma síntese da substituição dos bibliotecários por inteligência artificial da seguinte forma: considerando que já contamos com uma base de organização e classificação estabelecida ao longo de anos, em grande parte graças aos próprios bibliotecários, e do constante acúmulo de dados nascidos digitais ou convertidos em digitais, robôs já fazem o trabalho de recuperação e contextualização de modo semelhante e farão melhor do que nós no futuro.

Antes de ficarem consternados ao descobrir que grande parte de nossas funções supostamente indispensáveis pode ser terceirizada ou substituída por robôs é preciso ter clareza sobre o que um bibliotecário realmente faz e aquilo que um robô é capaz de fazer. Estou partindo de um direcionamento bastante específico sobre as funções executadas por bibliotecários, mas é eminente o declínio de uma profissão que se justifica perante a sociedade e demais profissões majoritariamente como responsável pela organização dos registros do conhecimento para fins de recuperação.

Definindo a atividade técnica do bibliotecário

Que problema fez a biblioteconomia surgir? O que ela pretendia resolver? Qual problema os bibliotecários resolvem nos dias de hoje? A organização de tabletes de argila que representavam transações comerciais evoluiu para a garantia de acesso à infor-

mação e promoção da cultura e inteligência como uma ação generalizada. Mas a premissa da biblioteconomia clássica é organização dos registros do conhecimento para fins de recuperação. Este é o problema elementar que resolvemos no mundo e o que nos difere de todos os demais profissionais.

Outras funções impostas aos bibliotecários são conciliações com as sociedades civilizadas. Atividades secundárias são boas e úteis, e concedem às bibliotecas um papel mais amplo na sociedade, mas tornam difícil, senão impossível, para os bibliotecários trabalhar como bibliotecários: compilar catálogos, dominar áreas do conhecimento e da cultura, verificar que as coleções permaneçam coerentes, ajudar os leitores a encontrar as leituras que desejam e necessitam. Uma nova definição do papel dos bibliotecários poderia ser elaborada por meio da diversificação das suas linhas de atuação, mas tal reestruturação deverá também garantir que o objetivo principal dos bibliotecários não seja esquecido: orientar leitores a seus livros.

A técnica biblioteconômica, *stricto sensu*, não trata de gestão de inteligências, de conectar pessoas a pessoas, leitores a autores, mas conectar pessoas a livros, simplesmente. Trata-se de um conjunto de técnicas que serve ao implemento de áreas da inteligência humana. Nossa expectativa é obviamente a da sublimação da leitura, mas o ferramental aplicado é apenas um ponto de partida nesse processo. Os bibliotecários não podem responder pela cadeia cognitiva, de intenções individuais, de bagagem cultural, em sua totalidade, para cada um dos usuários das bibliotecas.

Bibliotecários coletam livros e outros materiais com a intenção de ajudar as pessoas a encontrá-los, normalmente em um único lugar, a biblioteca. Nós preservamos conteúdos para que sejam recuperáveis de maneira rápida e organizada, até mesmo muitos anos depois. A maneira mais simples de explicar a um leigo o trabalho do bibliotecário é fazê-lo entender que cada um de nós possui um sistema de categorização para nossas roupas no armário (por tipo, cor, tamanho, etc., similar a um catálogo da biblioteca tradicional categorizado por autor, título, assunto). Este sistema pode ser simples e rudimentar, exceto quando o número de roupas é grande o bastante para que apenas um nível de ca-

tegorização não seja suficiente para encontrar determinada peça: pode ser penoso encontrar uma blusa amarela específica se você possui centenas de blusas amarelas. Além disso, como objetos no mundo físico não podem ocupar dois espaços simultaneamente, permanecemos presos à categorização única. A não ser, claro, quando utilizamos remissivas ou possuímos cópias idênticas do mesmo objeto. Ou seja, o bibliotecário é o profissional que possui o ferramental necessário para organizar itens de modo que possam ser encontrados, atribuindo o objeto adequado a cada tipo de busca específica.

A nova desordem digital

Esse modelo perde funcionalidade a partir do momento em que os registros do conhecimento são convertidos para formato digital. A mesma analogia das roupas no armário pode ser inteiramente reconfigurada quando o valor e o esforço de replicação de objetos digitais tendem a zero, e dessa forma o organizador pode atribuir quantas categorias ou remissivas forem necessárias. Na verdade, se qualquer tipo de categorização é possível e desejável, porque amplia o potencial de recuperação, então ter somente um único categorizador (seja ele o bibliotecário propriamente ou uma determinada representação temática) não faz mais sentido.

A biblioteconomia moderna se preocupou em resolver o problema da recuperação de informação em nível avançado, através de metadados, taxonomias e vocabulários controlados. Mas no mundo digital os registros do conhecimento podem ser recuperados de outras formas que independem de uma organização prévia ou convencional. A transição de um modelo de organização centrado em registros físicos para um modelo baseado em registros digitais, junto da consolidação do Google, nos levou a acreditar que o problema da recuperação estava finalmente resolvido. Obviamente este problema não está resolvido, mas a ideia de um pequeno grupo de autoridades em representações descritivas e temáticas competindo com um algoritmo incrementável é desoladora.

Impacto da inteligência artificial na atividade bibliotecária

Uma boa maneira de compreender a inteligência incrementável

ou cumulativa é percebendo que um humano não precisa portar um crachá para que outra pessoa seja capaz de identificá-lo em um segundo ou terceiro encontro. Requer acúmulo de informações e treinamento, mas o algoritmo vai gradualmente se aprimorando até atingir o grau de inteligência que não exige mais classificações explícitas. Um exemplo seria a atividade elementar de atribuição de descritores e classificação realizada por bibliotecários sendo substituída por um sistema de inteligência artificial que realiza a varredura completa de caracteres em um novo livro, e em sequência, atribui descrição e tema usando como parâmetro todos os livros previamente indexados (por humanos ou não) que possuem sequências de caracteres semelhantes. Além disso, a inteligência artificial (IA) agrega informações de uso do item (*user experience*) e categorias designadas pelos usuários (e não necessariamente por bibliotecários), como os sistemas de folksonomia e *crowdsourcing*.

Para chegarmos ao nível de recuperação da informação plenamente artificial serão necessários anos de investimento em metadados e mais outros tantos de adequação de algoritmos para oferecer melhores resultados de busca. Hoje os robôs estão propensos a resolver alguns problemas sozinhos, com base no acúmulo de informações coletadas *a priori*, junto de outro volume de informação identificável *a posteriori*. Isso ocorre a partir de buscas/atividades/intervenções realizadas pelos usuários do sistema. Esta dinâmica se aplica aos algoritmos mais comumente utilizados que cumprem funções de recuperação e contextualização, usando como base o volume de informações oferecido pelos próprios usuários do sistema (*input*), recombinando e acumulando caracteres e descritores, até que sejam capazes de tomar decisões e gerar respostas (*output*). Tal como funciona a busca do Google, o *feed* de notícias do Facebook, recomendações de compra no Amazon, sugestões de pares no Tinder, e que torna obsoleta a maioria das transações de referência (simplificadas, porém majoritárias) entre usuário e bibliotecário.

Robotização elimina necessidade de bibliotecários

O que os bibliotecários fazem hoje, tecnicamente? Em essência descrevem (catalogam) e categorizam (classificam). É preciso ter

em mente que esta é a função técnica que difere o profissional diplomado de outros tipos de profissionais. Funções técnicas que envolvem noções de administração, computação, marketing, gestão de pessoas, psicologia, recreação, terapia ocupacional, entre outras, são desejáveis para os bibliotecários, mas não são habilitações exclusivas de nossa classe nem respondem diretamente ao problema elementar que a biblioteconomia resolve para o mundo (organização dos registros do conhecimento para fins de recuperação. Em suma, catalogar e classificar).

Mas a descrição em um documento nascido digital já é evidente, todas as informações estão implícitas em seus metadados, e qualquer processo de varredura de caracteres é capaz de reconhecer o conteúdo. Os sistemas de classificação decimal e a consequente posição de um determinado livro na estante podem ser emulados por um sistema artificial, reduzindo a zero a necessidade de organização e presença física. Projetos avançados de bibliotecas virtuais oferecem um tipo de navegação visual que exibe imagens em alta resolução dos livros como eles apareceriam nas prateleiras da biblioteca real. É o caso do Stack Life, sistema de navegação visual das bibliotecas de Harvard, e da estante virtual da universidade de Virgínia, que exibe imagens dos livros como eles teriam aparecido nas prateleiras em 1828 e usa informação bibliográfica do catálogo original da biblioteca de direito, para permitir pesquisa sobre a coleção dos livros históricos.

A função de recuperação, executada por algoritmos incrementáveis, é acompanhada de sistemas robóticos que operam no mundo físico, auxiliando os procedimentos de guarda e reposição de livros nas estantes. Bibliotecas de grande porte ao redor do mundo já fazem uso extensivo de máquinas que separam livros para serem transportados de um ponto a outro através de esteiras ou empilhadeiras. Os sistemas de logística robótica Kiva, adotados pela Amazon, bem como suas entregas domiciliares por meio de drones, servem de inspiração para serviços oferecidos pelas bibliotecas no futuro, sem a necessidade de força humana.

Outro exemplo de robotização substituindo o trabalho do bibliotecário é a possibilidade de descobrir informações sobre uma de-

terminada imagem digital sem dispor de outra informação além da própria imagem. Digamos que eu tenha visitado um museu e gostei de um quadro, ou tenha visto uma imagem na internet, mas não tenha quaisquer informações sobre ela. Como descobrir o título da pintura, o autor, a data, o tema retratado? É possível descobrir utilizando o Google Images. Todo o procedimento é realizado artificialmente, sem qualquer necessidade de interpretação semântica ou de indexação, apenas aplicando técnicas matemáticas como distância euclidiana e detecção de pontos salientes no objeto, comparando no vasto banco de dados imagens entre si.

Entre muitos outros, este exemplos oferecem um mapa das aplicações de inteligência artificial em bibliotecas. Alguns em uso, outros em vias de implantação. A evolução permanente da robótica e da inteligência artificial leva a crer que continuará a melhorar e se sofisticar no futuro, causando impacto significativo nas nossas atividades de trabalho.

Em termos de inteligência artificial substituindo a função técnica do bibliotecário, o único problema seria a classificação de conteúdo em um estágio inicial. Um novo livro, sobre um novo tema precisa ser interpretado corretamente pela inteligência artificial a fim de que possa ser categorizado. Mas a partir de uma base mínima de conhecimento cumulativo, e creio já termos superado esse estágio justamente em função do acúmulo de materiais em bibliotecas ao longo dos anos, o sistema de IA pode reconhecer do que trata o material fazendo a varredura dos caracteres e associando o conteúdo com materiais similares e padrões de uso. Exatamente como o Google faz com o reconhecimento de imagens.

Ou seja, uma vez que todos os novos materiais se tornem digitais, ou simplesmente sejam *born-digital*, o bibliotecário se torna dispensável. Enquanto toda a área computacional está preocupada apenas em modelos organizacionais *a posteriori*, com base no *input* de usuários, a biblioteconomia permaneceu trancada nos modelo *a priori*, com base na inteligência dos bibliotecários. Ainda é importante para pequenas coisas, mas está na contramão da realidade pragmática do mundo moderno.

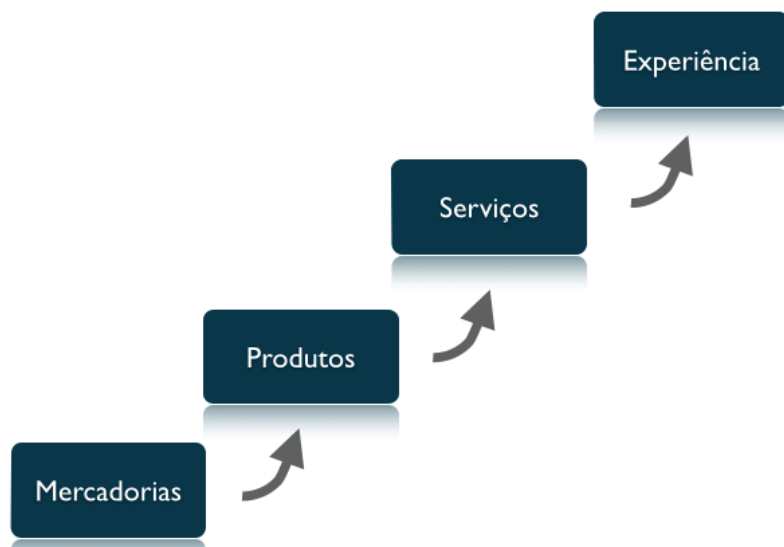
Eu continuo achando que a nossa maior contribuição ao mundo é cada vez mais converter as coleções físicas para o digital e deixar que os profissionais da computação façam o restante do trabalho. Nós somos os melhores profissionais em armazenar e salvaguardar a herança cultural humana, e eles vêm fazendo melhor trabalho do que nós em termos de recuperação, disseminação e contextualização, do que nós fomos capazes de fazer sozinhos em anos recentes. Ainda teremos algumas boas décadas para coletar, organizar, definir os metadados elementares, de todos os materiais textuais, visuais e outras mídias que ainda existem fisicamente, e jogá-las na internet para que todos os demais profissionais façam melhor sentido desses objetos. Essa é uma excelente responsabilidade bibliotecária adequada ao mundo atual.

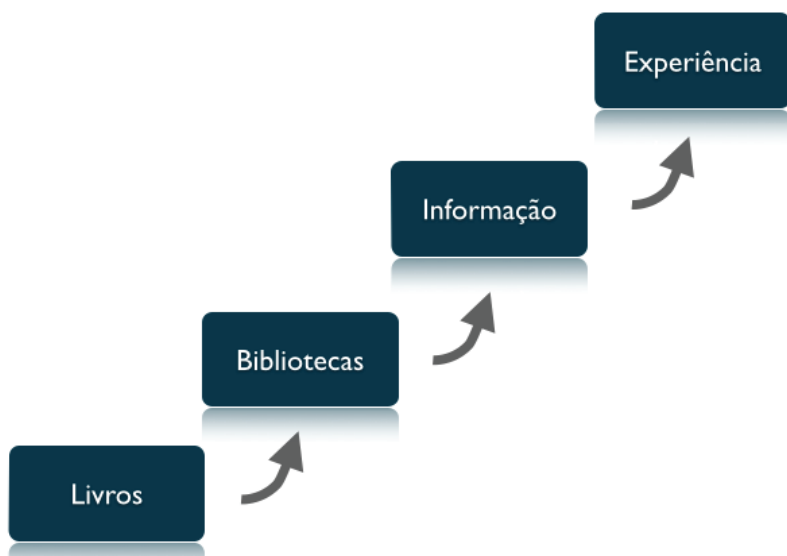
Fazer exercício de futurologia é necessário, porque do contrário estaremos sempre correndo atrás do tempo perdido.

Capítulo 4

QUAL É A FINALIDADE DO TRABALHO BIBLIOTECÁRIO?

FABIANO CARUSO

Durante meus cursos costumo oferecer uma apresentação introdutória contextualizando as mudanças em nossa área traçando um paralelo com as transformações da economia industrial para a economia da experiência. Um dos objetivos é evidenciar que a miopia de marketing, presente em alguns discursos sobre atuação profissional, pode ofuscar reais oportunidades de atuação.

Quando a formação do bibliotecário era específica para atuação

em bibliotecas o marketing da área estava embutido na natureza de cada biblioteca. Ou seja, a finalidade da atuação profissional poderia ser compreendida relacionando o nosso juramento ("preservar o cunho liberal e humanista de sua profissão, fundamentado na liberdade da investigação científica e na dignidade da pessoa humana"), que orienta nossas práticas na prestação de serviços para as pessoas, com os tipos de bibliotecas, que as direcionam para comunidades e necessidades predefinidas. Ou seja, os livros, documentos e as técnicas eram meios utilizados para maximizar o acesso e prover experiências intelectuais positivas em cada tipo de biblioteca.

No entanto, a partir da fase da economia de serviços, acompanhamos uma mudança da formação na área orientada para o problema da informação. Bibliotecários passaram também a denominar-se gestores de unidades de informação e/ou mediadores da informação. A miopia de marketing está na perspectiva de que a informação é a finalidade da atuação profissional. O que não deveria ser, pois a informação é um dos meios e não a finalidade da atuação em nossa área. Da mesma forma que os livros e documentos eram nossos meios nas bibliotecas tradicionais na fase pré-digital. Mesmo quando atuamos sobrecarregados de

trabalho técnico em bibliotecas sem relação direta com os usuários, poderíamos cumprir nossa função de forma indireta, pois o marketing estava vinculado à experiência dos usuários no acesso aos tipos de serviços intrínsecos ao tipo de cada biblioteca.

Quando se divulga que a finalidade da atuação profissional é disseminação da informação em qualquer suporte, gera-se o grande problema de formação atualmente: a confusão entre meios e fins. Faz sentido enquanto pesquisador (cientista da informação) tentar compreender como os fluxos da informação (meios) relacionam-se com a realidade. Mas não faz sentido para atuação profissional acreditar que precisamos disseminar a informação indiscriminadamente. Pois a nossa atuação profissional deve ser centrada em como melhor adequar nossos meios (recursos e serviços de informação) para os fins (pessoas). Com esta distinção entre meios e fins é que também é possível diferenciar a responsabilidade de técnicos em biblioteconomia e bibliotecários. Os técnicos podem trabalhar exclusivamente com os meios, mas só os bibliotecários podem planejar novos serviços para converter os meios para os fins.

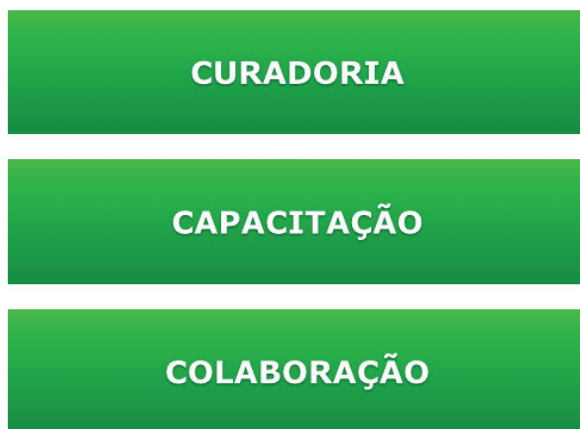
O discurso que vincula as oportunidades de atuação profissional apenas aos meios é o que costumo chamar de ideologia da informação (ideologia é um sistema de pensamento que não cor-

responde à realidade). Um discurso muitas vezes proveniente da importação de tendências de outras áreas — como a de gestão — tentando vislumbrar novas oportunidades de atuação em diferentes suportes. Um dos exemplos esta em práticas como a de gestão da informação e na relação entre dado — informação — conhecimento superada em práticas de gestão mais emergentes. Devido à consumerização da tecnologia da informação muitas práticas de gestão relacionadas à mediação da informação deram lugar a práticas ligadas à gestão da inovação e colaboração. Ou seja, o que pode fazer sentido teórico durante uma pesquisa e revisão de literatura pode não fazer como objetivo da atuação profissional em um cenário de rupturas tecnológicas.

Qual é a diferença entre um profissional da informação e um bibliotecário? Durante um período de tempo pude atuar com a aplicação de técnicas de organização da informação para o desenvolvimento de portais corporativos e de plataformas de *e-commerce*. Estava sendo bibliotecário? Não. Pois a atuação estava centrada nos meios para resolver problemas de processos corporativos. Lembram-se do código de ética com a liberdade de investigação científica? O que aperfeiçoar a recuperação de informação em um portal corporativo tem a ver com desenvolvimento intelectual? Existe uma relação muito mais direta da aplicação de nossas técnicas para o desenvolvimento organizacional do que o desenvolvimento humano e em algumas situações eles podem não ser compatíveis.

No entanto acredito na possibilidade de atualizar o sentido da formação profissional em biblioteconomia para o cenário econômico emergente. De que forma? Partindo do princípio de que as bibliotecas sempre foram parte da economia da experiência. Que tipo de experiência? Experiência intelectual. Logo o objetivo da atuação profissional não tem relação com a disseminação da informação (meios), mas em prover uma experiência intelectual positiva (fins). É possível disseminar a informação com o uso adequado de técnicas da nossa área para organização e recuperação da informação, mas o valor do nosso trabalho só pode ser medido quando conectamos os meios com os fins.

Planejar e prover serviços de informação orientados a experiência intelectual dos usuários em diferentes contextos.

Qual seria então a finalidade da atuação profissional do bibliotecário que faz mais sentido em qualquer suporte que tem relação direta com a experiência intelectual? Inteligência. A minha defesa é que o nosso objeto de atuação profissional é a inteligência, mesmo que o de pesquisa continue sendo a informação. Sempre atuamos através das bibliotecas com alguma modalidade de democratização da inteligência. Tanto que o campo da ciência da informação surgiu com a expectativa de que técnicas oriundas da nossa área poderiam oferecer suporte aos setores de inteligência na área governamental. Um exemplo pode ser a criação de serviços de informação voltados para os distintos níveis de intelecto profissional ou em pesquisa.

Compreendendo que a democratização da inteligência é a norteadora para o desenvolvimento de serviços de informação centrados nas pessoas, existem pelo menos três linhas de atuação profissional possíveis: curadoria digital, colaboração e capacitação.

Estas três linhas são uma proposta para melhor relacionar nossos

meios com os fins e são temas que abordei profissionalmente na última década. Futuramente, pretendo escrever, com exemplos, sobre as práticas profissionais possíveis com cada uma das linhas.

Notas

1. Importante assistir à apresentação do Joseph Pine sobre a economia da experiência.
2. O artigo original traduzido para português sobre miopia em marketing, do Theodore Levitt, para a *Harvard Business Review*, July/Aug. 1960, pode ser baixado em http://bsf.org.br/wp-content/uploads/2015/08/levit_1960_miopia-em-marketing.pdf
3. Também vale a pena ler sobre a importância da criação de serviços de informação centrados nas pessoas em um cenário de abundância de informação no artigo "A 'fadiga da carne': reflexões sobre a vida da mente na era da abundância, publicado originalmente na EDUCAUSE *Review*, v. 39, n. 2 (March/April 2004) (http://fabianocaruso.com/a-fadiga-da-carne-reflexoes-sobre-a-vida-da-mente-na-era-da-abundancia/). Durante a leitura deste artigo na graduação me foi possível compreender que o foco da atuação em ambientes digitais não deveria ser direcionado para a criação de repositórios e bibliotecas digitais.
4. O que escrevi no post é um direcionamento de um trabalho de pesquisa maior que envolve o cruzamento de diversas outras referências. Durante os cursos que ofereço realizo uma apresentação com mais exemplos, referências e estudos de caso de práticas orientadas à democratização da inteligência que podemos realizar com nossas técnicas para organização e disseminação da informação.

Distopias

Capítulo 5

O PAPEL DA BIBLIOTECA EM FACE DO APOCALIPSE ZUMBI

MORENO BARROS

Uma frustração recente foi perceber que as diversas menções a livros e bibliotecas na versão em quadrinhos de *Walking dead* tinham sido omitidas na série de TV. Na segunda temporada, quinto episódio, o mala Dale diz "se eu soubesse que o mundo estava acabando, tinha trazido melhores livros". Essa foi uma das poucas referências importadas do quadrinho, onde livros e bibliotecas são recorrentemente mostrados como elementos de resgate da herança cultural perdida, abrigo e local de busca por informações que podem auxiliar na sobrevivência.

Pestes, zumbis e desastres estão na nossa mitologia e em nossas religiões. Mas algum de nós já pensou seriamente sobre o fim do mundo que conhecemos e habitamos? Eu já. E para o caos tomar conta, é necessário muito pouco. Uma guerra localizada que deixa cidades sem energia elétrica por algumas semanas (Síria, distante de nós?). Uma tempestade de grandes proporções que deixa milhares de pessoas ilhadas e sem abrigo (chuvas de verão, distante de nós?). Uma seca prolongada que destrói plantações e eleva os preços dos alimentos, causando distúrbio econômico (crise do abastecimento, distante de nós?). Uma erupção vulcânica que bloqueia luz solar e cancela voos em escala global (Chile, Vesúvio, distante de nós?). Uma gripe ou bactéria resistente a vacinas que circula pelo mundo viajando de avião (zika, gripe aviária, distante de nós?).

Então, o mundo está se esvaindo. Em um cenário pós-apocalíptico não há energia elétrica, logo computadores e *smartphones* não servem para nada. Sem internet, como nos comunicamos e encontramos informações para sobreviver? O que você precisa? De uma biblioteca, claro.

Se um futuro apocalíptico não é nenhuma impossibilidade, então as bibliotecas se tornam uma boa maneira de preservar nosso conhecimento e, quem sabe, a humanidade de fato. Talvez a própria cura para uma epidemia se encontre em um livro de medicina. É o que ensina toda literatura e filmografia básica sobre epidemias globais, apocalipses robóticos e ataques zumbis. Não há cena mais clássica do que em *Um dia depois de amanhã*:

> [*Os refugiados na New York Public Library estão queimando livros para se manter aquecidos*]
>
> Elsa: O que você tem aí?
> Jeremy: A *Bíblia* de Gutenberg. Peguei na sala de livros raros.
> Elsa: Você acha que Deus vai te salvar?
> Jeremy: Não, eu não acredito em Deus.
> Elsa: Mas você está segurando a Bíblia bem apertado.
> Jeremy: Eu estou protegendo-a. Esta Bíblia é o primeiro livro impresso. Ela representa a aurora da Idade da Razão. Até onde sei, a palavra escrita é a maior conquista da humanidade. Você pode rir. Mas, se a civilização ocidental está acabada, eu vou salvar pelo menos um pedacinho dela.

Sendo assim, qual é o papel das bibliotecas e dos bibliotecários face, não só a um possível apocalipse zumbi, mas a qualquer outro desastre natural ou sobrenatural que assole a humanidade?

Como bem retratado por Kirkman em *The walking dead*, por George Stewart em *Só a Terra permanece*, por Bradbury em *Fahrenheit 451* e tantos outros livros sobre um mundo pós-apocalíptico, bibliotecas e bibliotecários podem assumir três papéis principais para auxiliar na sobrevivência da humanidade:

1. Herança cultural humana

A humanidade vem há gerações deixando pedaços de sua pró-

pria história para trás, seja acidental ou propositalmente. Garantir a estabilidade a longo prazo e acesso a artefatos, objetos, dados, documentos ou registros, por meio da preservação e conservação dos materiais, bem como sua curadoria, é o que bibliotecas e bibliotecários vêm fazendo há milênios. Poucas pessoas se dão conta de que as bibliotecas são as grandes responsáveis pela preservação da herança cultural humana.

Carl Sagan teve a grande sacada, em *Cosmos*, de dizer que, se a biblioteca de Alexandria não tivesse desaparecido, o homem teria chegado à Lua mil anos antes. Em uma situação pós-apocalíptica a melhor maneira de não ter que reinventar a roda é aprender com os engenheiros do passado. Se eu quisesse construir uma estrutura de pedra simples para abrigo, mas sem saber como, bastaria olhar livros sobre construções de pedra e as pessoas que as construíram.

Poucos de nós possuem o conhecimento necessário para executar as atividades mais elementares à sobrevivência humana: colheita, caça, preparação de alimentos, geração de energia, saneamento, construção de abrigos, meios de transporte, etc. Entretanto, qualquer uma dessas atividades pode ser destrinchada e compreendida com diversos manuais simples de engenharia, medicina, biologia, física, química ou até mesmo escotismo. Tom Hanks e Wilson teriam se saído muito melhor do naufrágio se tivessem uma biblioteca na ilha...

2. Resposta a desastres

Informações sobre planos de emergência e evacuações em massa exigem o mais alto grau de coordenação e efeito. Bibliotecas podem assumir um papel vital de fonte de informação relacionada à saúde pública e prevenção de doenças, trabalhando junto às autoridades competentes. Pensem no potencial de coletar informações que poderão auxiliar os poucos humanos vivos a determinar a causa da doença, a fonte da infecção/vírus/toxina, aprender como ela é transmitida e como se propaga, como quebrar o ciclo de transmissão e, assim, evitar novos casos, e finalmente como os infectados podem ser tratados.

Mas os zumbis não estão sozinhos. Furacões, tornados, tempestades e enchentes devastam anualmente cidades mundo afora. Quando as bibliotecas respondem a esse tipo de desastre muitas vezes pensamos sua linha de atuação como uma simples reação aos eventos, trazendo à mente imagens de livros e documentos danificados, sendo recuperados pelos bibliotecários posteriormente.

No entanto, um componente relevante de preservação envolve o lançamento de bases para a resposta humana ao desastre. Desastres catastróficos podem prejudicar tanto as redes de comunicação física como as redes sociais, críticas para a resposta e recuperação eficiente. De suma importância para a gestão de recursos humanos no processo de resposta aos desastres é a manutenção de uma rede de compartilhamento de informações aberta e rápida entre os agentes de resposta (governos, defesa civil, sociedade civil). Ao facilitar a colaboração e o operacional independente da localização, as bibliotecas e suas ferramentas podem melhorar a resposta a desastres.

Bons exemplos dessa prática no Brasil é a seção de prevenção e resposta a desastres da Biblioteca Virtual em Saúde e a biblioteca do Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres.

Foi comovente também lembrar os casos dos furacões Katrina e, mais recentemente, Sandy, onde o prédio da biblioteca era um dos poucos locais públicos onde as pessoas podiam se aquecer, usar tomadas elétricas para carregar seus telefones e computadores, e dar sinal de vida aos familiares distantes. Nas cidades da região serrana do Rio e em Santa Catarina afetadas pelas chuvas, é provável que as bibliotecas tenham sido utilizadas como alojamento público e auxiliado na busca e disseminação de informações sobre vítimas e doenças.

Certamente é motivo de orgulho para os profissionais das bibliotecas poderem reconhecer o impacto positivo que agregam à comunidade em tempos de necessidade. As bibliotecas devem ser a solução nesses momentos, e não um problema a mais.

3. Biblioteca como abrigo

Pensando comigo sobre a iminência real de um apocalipse zumbi, se eu ficasse preso na biblioteca em que trabalho, similar a muitas outras bibliotecas, me dariam uma grande chance de sobrevivência em curto prazo. Não vou entrar nos detalhes do desenho arquitetônico do prédio, mas basicamente só há um ponto de entrada e portas que podem ser bloqueadas facilmente movendo algumas estantes para trás delas.

Estantes podem servir de escudo, livros podem servir de proteção contra radiação solar e combustível para fogo (depois de um criterioso desbaste, obviamente). Por quanto tempo eu sobreviverei na biblioteca? Eliminando a melancolia e complicações de sobrevivência e concentrando no aqui e agora desse cenário, a biblioteca é um grande santuário para as primeiras noites de um apocalipse zumbi. Eu mesmo já passei uma noite na biblioteca no meio de uma calamidade e não foi nada mal.

Se tivesse o tempo necessário para pesquisa, que tipo de informação seria realmente útil para sobrevivência? Em face da decomposição iminente dos colegas bibliotecários, será que o conselho de ética do CRB me condenaria por canibalismo? [provavelmente não, contanto que minha anuidade estivesse em dia — *thanks* cauê e caruso].

Admirável mundo novo

Bibliotecários discutem continuamente as mudanças no universo das bibliotecas e como podemos melhor ajudar as pessoas a lidar com essa transformação, ao mesmo tempo em que essas pessoas estão cada vez mais imersas em um novo mundo e aprendendo muitas coisas sem nosso auxílio ou intermédio.

O conhecimento armazenado na biblioteca só é sagrado dentro de um determinado contexto cultural. Quando esse contexto desaparece, torna-se nada mais do que um objeto a ser lacrado e preservado em um estado etéreo. Bibliotecários e os usuários muitas vezes percebem a biblioteca como o registro persisten-

te do conhecimento coletivo da sociedade, mas acreditam que a criação deste depósito é inerentemente valiosa.

Quando pensei em escrever um texto sobre o papel dos bibliotecários em face do apocalipse zumbi, não estava tentando ser engraçado ou celebrar a cultura pop zumbi e vampiresca. Queria chamar a atenção para o fato de que uma mudança significativa em qualquer aspecto do ambiente das bibliotecas pode exigir uma mudança igualmente significativa no pensamento e comportamento humano, e aqueles que não se adaptarem poderão ter sérios problemas.

Na cultura pop televisiva, a diferença entre a biblioteca pré e pós-apocalipse é basicamente que as pessoas sumiram. Um erro bibliotecário inicial nesse cenário é perceber a informação guardada pela biblioteca como um valor de preservação, independente da comunidade que deu origem a essas informações e que desapareceram no apocalipse. Nós cometemos o erro de enxergar a informação como valiosa em si mesma, só percebendo tarde demais que seu valor é determinado pela comunidade.

Para o protagonista Ish Williams, do incrível livro pós-apocalíptico *Só a Terra permanece*, a biblioteca representa um estado de normalidade e a possibilidade de, eventualmente, fazer o mundo regressar a um estado superior, civilizado. Por muitos anos após o desastre, ele se agarra à ideia de que os povos civilizados vão precisar desse depósito de conhecimento a fim de resgatar o ponto onde a civilização anterior parou e continuar a avançar. Ele assume então o papel de guardião da biblioteca, cuidando de preservar o edifício para o futuro. O personagem ainda organiza uma escola entre os sobreviventes e tenta ensinar aos jovens o valor da leitura e escrita. Ele descobre, no entanto, que as crianças nascidas após a praga não têm contexto no qual inserir os livros que estão lendo, e sua aprendizagem de modo algum se relaciona com sua vida diária. Ish percebe que temas como a geografia em escala global têm pouca relevância para alguém que nunca deixa a vizinhança próxima, e matemática abstrata significa pouco para alguém que nunca irá aplicá-la.

Em uma reviravolta interessante, o tratamento da biblioteca como um lugar sagrado é levado ao pé da letra por seus filhos. Não tendo nenhuma compreensão real da civilização morta e, portanto, nenhum contexto para entender a importância dessa coleção de livros, elas só podem ver o acervo de livros como objetos misteriosos que Ish considera como sagrados, por razões além do entendimento de qualquer outra pessoa.

A mensagem positiva a ser tomada a partir disso é que a biblioteca é inteiramente sobre pessoas, e a importância de seu conteúdo pode ser medida pela relevância de sua coleção para o povo. Quando as pessoas mudam drasticamente, e os seus hábitos e necessidades também mudam, a biblioteca pode rapidamente tornar-se irrelevante se não se adaptar para atender as necessidades das novas pessoas que buscam informações. Embora Ish tente convencer a nova civilização da importância deste tesouro de conhecimento, quando essa informação não atende às suas necessidades, ela não representa mais um recurso de vida, mas um museu preservado. Ish não pode mudar a biblioteca para atender às necessidades da nova civilização, pode somente selá-la e se concentrar em questões mais prementes.

Nós, bibliotecários, temos a capacidade de mudar as bibliotecas para que possam continuar a ser relevantes para os usuários com diferentes necessidades e meios de acesso à informação e dessa forma continuarmos a servir nosso propósito primordial. É necessário, no entanto, entender as necessidades de nossos usuários para ter certeza de que estamos fornecendo informação que é valiosa de uma maneira que faça sentido para eles. Embora seja necessário traçar uma linha divisória, a fim de transmitir a importância das fontes tradicionais, adaptando-se às necessidades dos usuários de novos recursos, devemos ter cuidado para não repetir o erro do personagem do livro, tentando vender informações e formatos que nossos usuários não valorizam. Por outro lado, também podemos fazer como ele, e examinar criticamente nossas crenças e práticas, para que possamos continuar a ser relevantes, em vez de desvanecer.

A cultura pop zumbi nos diz que as bibliotecas são locais ao mes-

mo tempo seguros e misteriosos. Acredito que um entendimento desses temas pode ajudar a definir o papel da biblioteca na cultura atual e futura de maneira geral.

Precisamos reconhecer que, embora a biblioteca, internamente, esteja mudando rapidamente, a percepção das bibliotecas externamente permanece inalterada. A biblioteca ainda é um lugar misterioso que contém itens que podem ou não ser de valor natural e sobrenatural, e às vezes oferece assentos confortáveis para leitura e um ótimo lugar para se reunir. Devemos abraçar estes temas e divulgar a biblioteca de uma forma que desmistifica o que uma biblioteca contém de fato e ao mesmo tempo atender ao desejo de um local que é seguro, neutro e não perturbador. Também devemos salvaguardar nossos tesouros, porque nunca se sabe quando haverá um apocalipse zumbi.

Quais são suas armas contra o ataque zumbi?

Capítulo 6

O APOCALIPSE ZUMBITECÁRIO

MARINA MACAMBYRA

Cansada, mas ainda não inteiramente derrotada, a bibliotecária envelhecente sorri ao terminar a leitura dos posts do Bibliotecários Sem Fronteiras que discutem o futuro da profissão. Parte dela, a que se orgulha dos colegas mais jovens e acha que ainda vale a pena estar numa trincheira com gente assim, luta contra a outra parte, a que se distancia cada vez mais do interesse pela profissão. Ela sabe que, no seu caso, o futuro é algo que deve acabar mais cedo e provavelmente mal.

Naquela noite, a bibliotecária envelhecente tem um sonho vívido e rico em detalhes.

Num mundo praticamente sem bibliotecas como hoje as conhecemos, no qual os livros que simplesmente apareciam em lugares inusitados, como centros cirúrgicos e elevadores, eram considerados *krönir*,* recolhidos rapidamente e vendidos a preços impossíveis para misteriosos colecionadores, os bibliotecários há muito tido como extintos começaram a voltar.

Não, não eram *krönir* biológicos. Apesar dos insistentes rumores sobre a existência desses seres quase humanos criados pela imaginação de homens e mulheres, os únicos biokrönir efetivamente documentados eram tigres e outros grandes felinos extintos, um rinoceronte branco e alguns pássaros dodôs, todos ligeiramente

* Objetos formados pela duplicação de objetos perdidos originários das "regiões mais antigas de Tlön", "filhos fortuitos da distração e do esquecimento". Do conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, de Jorge Luis Borges.

diferentes de seus paralelos já extintos no que poucos lunáticos ainda insistiam em chamar de mundo real.

Não, esses bibliotecários em nada lembravam os tigres vermelhos de olhos de chama, nem os dodôs com esporões letalmente venenosos. Pareciam antes zumbis pálidos, alguns exibindo sinais de decomposição e marcas dos ferimentos ou doenças que os haviam matado. Surgiam enfurecidos nas imediações das grandes piscinas de leitura que tomaram o lugar de algumas antigas bibliotecas, piscinas azuis onde o leitor podia sonhar as histórias que gostaria de ler e transmiti-las mentalmente em forma de texto, filme ou música para outros que as completavam, modificavam ou apenas usufruíam. Outros foram vistos rondando as casas onde supostamente viveriam colecionadores de livroskrönir.

Não eram realmente muitos, mas começaram a despertar o interesse dos fãs de filmes de terror antigos e a preocupar as autoridades. Mas os zumbitecários — como logo começaram ser chamados — nada faziam de errado ou realmente perigoso. Não atacavam, não mordiam, não tentavam devorar cérebros, apenas gritavam o quanto eram importantes e não reconhecidos, lembravam a todos da importância da padronização. Coisas assim que ninguém mais compreendia. Alguns seguravam, com orgulho, pequenos cartazes afirmando que "O Google te oferece 100 mil opções, o bibliotecário te oferece a certa". Alguns andavam abraçados às regras de catalogação com as quais supostamente teriam sido sepultados. Outros tentaram carregar tabelas de classificação, mas os braços de zumbi não aguentavam tanto peso e se quebravam.

De fato, os zumbitecários não pareciam saber que atitude tomar. Muito comportados para agirem como zumbis normais e mordedores, dividiram-se. Metade queria mudar o paradigma, metade preferia ir para um congresso que oferecesse um bom *coffee-break*. Uma discussão acalorada começou, mas alguns indivíduos com pose e voz de autoridade aproximaram-se do grupo e pediram silêncio. Obedientes, os zumbitecários se calaram e se dispersaram. Apenas desapareceram quietamente, ninguém soube como.

Os últimos foram vistos sentadinhos em frente às piscinas onde não os deixaram entrar, e lá ficaram até se desintegrarem. Um pterodáctilo com asas de prata passou gritando: extinção é para sempre!

A bibliotecária envelhecente acorda com o despertador berrando incoerências e levanta, sacudindo do peito o peso do sonho estranho. No espelho do fundo do corredor, um velho bibliotecário sorri, cego.